

Murilo Peixoto da Mota

*Ao sair do armário,  
entrei na velhice...*

Homossexualidade masculina  
e o curso da vida

möb!le

2014

Copyright © 2014 Murilo Peixoto da Mota

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

*Coordenação editorial*

Leandro Collares

*Revisão*

Julieta Lamarão

*Projeto gráfico, capa e editoração*

MóBILE Editorial

*As opiniões contidas nesta obra não representam, necessariamente, a opinião da editora. Os nomes atribuídos aos entrevistados e relatados neste livro foram trocados a fim de manter, conforme solicitações, suas identidades em sigilo.*

Produção contemplada com o fomento à produção por meio do edital APQ3 da Faperj.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M871s

Mota, Murilo Peixoto da, 1965-

Ao sair do armário, entrei na velhice... : homossexualidade masculina e o curso da vida / Murilo Peixoto da Mota. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

232 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-64502-30-7

1. Homossexualismo – Brasil. 2. Ciências sociais. I. Título.

14-15690

CDD: 306.7

CDU: 392.6

Todos os direitos desta edição reservados à

MóBILE Editorial

R. Buenos Aires, 93/615

Rio de Janeiro — RJ — 20070-021

Tel.: (21) 2210-1787

[www.mobileditorial.com.br](http://www.mobileditorial.com.br)

# Sumário

**Prefácio, 9**

**Apresentação, 13**

**Introdução, 17**

**1. A velhice e a homossexualidade como questão: noções para análise, 21**

1.1. Homossexualidade e velhice no espaço social, 24

**2. Sexualidade, gênero e geração: algumas considerações para o debate sobre a homossexualidade e a velhice, 31**

2.1. Gênero e sexualidade: o masculino em questão, 36

2.2. A homossexualidade masculina: uma construção social, cultural e histórica, 43

2.3. As homossexualidades nos centros urbanos, 47

2.4. Questões para análise crítica sobre a velhice, 49

2.5. O movimento gay em construção e suas influências para as novas gerações, 52

**3. Onde estão os gays velhos? Reflexões analíticas sobre o encontro com os sujeitos da pesquisa, 59**

3.1. A entrada nas redes sociais dos amigos, 64

3.2. Em busca da homossociabilidade, 66

3.3. As narrativas sobre as trajetórias de vida homossexual sob um clima de segredo, 72

**4. Os senhores de si: suas carreiras e relações sociossexuais, 77**

4.1. Etnografia, mundo privado, relações familiares e amores: a narrativa sobre o outro pela ótica da entrevista, 79

**5. A experiência homossexual e as situações geracionais no curso da vida, 113**

5.1. Marcas geracionais e as lembranças do passado, 116

5.2. A Trajetória da homossexualidade no curso da vida, 124

5.3. A Experiência sexual: motivação erótica, roteiros e significados da amizade, 134

5.4. A carreira homossexual em meio a uma epidemia desconhecida: a AIDS e seus significados, 143

5.5. A “ordem lógica de mim” — do trabalho à aposentadoria, 152

## **6. As imagens de si: corpo e sexualidade no espaço social, 161**

6.1. O corpo e o envelhecimento, 162

6.2. A homossexualidade e o processo de envelhecer, 175

6.3. O gay velho: seu corpo e sua sexualidade, 179

6.4. O velho no espaço público e o olhar sobre o movimento LGBT, 189

6.5. O corpo velho no espaço social: olhares e participação nas Paradas Gays, 198

## **7. Os novos velhos: a homossexualidade masculina e o curso da vida, 205**

## **8. Referências Bibliográficas, 217**

# Prefácio

Andrea Moraes Alves

A PREOCUPAÇÃO COM O TEMA DO ENVELHECIMENTO NO BRASIL JÁ NOS BRINDOU com trabalhos acadêmicos importantes. Tema que necessariamente atravessa diferentes tradições disciplinares, da demografia à medicina, da literatura à história, são inúmeros os pontos de vista sob os quais podemos refletir acerca da velhice. No caso brasileiro, o tema ganha estatuto de “problema social”. No imaginário social, o envelhecimento está associado a perdas de várias ordens: debilidade física, adoecimento, improdutividade, carência de cuidados, ônus para as gerações mais jovens. Marcados pelo símbolo da falta, os velhos renascem como “idosos” na legislação social brasileira.

O Estatuto do Idoso de 2003 é um marco central desse processo de resignificação. O Estatuto estabelece uma linguagem para se tratar do tema, elenca seus traços primordiais e separa para melhor definir quem é idoso de quem não é, o que cabe em termos de direitos e proteção a essa população. Em última instância, o que os diferencia para torná-los iguais. Como todo processo político e simbólico, os significados dançam ao som do cotidiano, e o cotidiano é, como define Michel De Certeau<sup>1</sup> (2001), o terreno das práticas comuns. Resta-nos avaliar historicamente os conflitos que cercam o destino da categoria “idoso” como sujeito de cidadania. Quais são os sentidos, no terreno das práticas comuns, que serão dados a essa noção política?

Em seu livro “Ao sair do armário, encontrei a velhice”, Murilo Mota nos oferece uma perspectiva para analisar a questão do envelhecimento no Brasil. O grupo que ele investiga não parece se deixar afetar pela identificação com o “idoso”, figura política do Estatuto. Mas, são “velhos”, estão “envelhecendo”.

Inspirado pelo olhar das ciências sociais, o autor entrelaça o tema do envelhecimento com as questões da homossexualidade masculina. A articulação entre velhice e homossexualidade tem recebido atenção dos estudos no campo da sexualidade e das gerações. As pesquisas, em geral, apontam para direções contraditórias: ao mesmo tempo em que se verifica certo rechaço da presença

---

1 De Certeau, M. *A Invenção do cotidiano: a arte de fazer*. Petrópolis, Vozes, 2001.

das marcas da velhice no corpo homossexual masculino, também é possível observar uma reconfiguração das relações sociais e sexuais nessa fase da vida. Entre a “bicha velha” e o “coroa” existe uma miríade de possibilidades que fogem aos estereótipos de forma criativa. O entrecruzamento de envelhecimento e homossexualidade não é simples e Murilo Mota faz emergir de suas entrevistas e observações de campo um ponto que é essencial: a diversidade de percursos no interior de uma geração.

O grupo investigado, residente na cidade do Rio de Janeiro, sociologicamente identificado como pertencente às camadas médias, tem trajetórias individuais bem singulares. No entanto, o que os une é uma experiência comum de batalhas empreendidas ao longo da vida. A metáfora da guerra pode ser usada nesse caso, pois o que esses homens relatam é uma sucessão de lutas pessoais, algumas perdidas, outras não. A luta para circunscrever sua sexualidade em um ambiente social “heterocêntrico” — para usarmos a expressão de Murilo Mota. A luta diante da soropositividade e suas consequências sociais, afetivas e financeiras. A luta para continuar a existir em um corpo que envelhece e que, muitas vezes, não obedece mais. Um corpo que se torna cada vez mais presente, resistente e manipulável ao mesmo tempo, como aponta Le Breton<sup>2</sup> (2003) ao falar do corpo na sociedade contemporânea. O interessante é que não são lutas solitárias. Os participantes da pesquisa de Murilo Mota, que dá base ao livro, agenciam todo tipo de relação para travarem suas lutas. Não são pessoas solitárias, embora possam estar sozinhas. Adquiriram e cultivaram ao longo da vida um arsenal de relações, principalmente na figura dos “amigos” e dos “companheiros”, que possibilitaram a esses indivíduos serem quem são hoje.

Pelo olhar retrospectivo desses homens, podemos encontrar elementos importantes que dão sentido ao processo de construção social da homossexualidade masculina como identidade. A posição em que se colocam hoje nos ajuda a refletir sobre a riqueza e os dilemas de “se assumir” em um contexto onde essa ideia não era um paradigma. “Sair do armário”, algo que se tornou um marco do movimento gay como movimento político, é, nas narrativas apresentadas neste livro, visto de outra forma. Perde o tom heroico/civilizador que se empresta comumente à ideia de “sair do armário” e assume um tom vívido, de carne e osso, como processo de dor, de luta e de luto, de separações, de encontros e reencontros, com menos glamour e algumas mágoas. Não é bandeira, é

---

2 Le Breton, David. *Antropologia do corpo e da modernidade*. Petrópolis, Vozes, 2003.

situação de vida. A transmutação dessa experiência em processo político parece ser algo que esses homens, em sua maioria, assistiram da plateia.

Trata-se de um mundo masculino, este que Murilo Mota nos revela através das narrativas colhidas e da etnografia dos espaços de sociabilidade desse grupo. É, sobretudo, um estudo que nos abre os olhos para uma experiência possível da masculinidade no espaço urbano. Esses homens que envelhecem relembram suas vidas, contam as histórias de suas vidas para alguém (outro homem) aberto a ouvi-las. Neste contexto de interação, chama atenção o espaço periférico destinado à figura feminina. Esse foi um aspecto que me despertou curiosidade ao ler pela primeira vez o trabalho de Murilo Mota. Onde foram parar as mulheres nas vidas desses homens? Espero que o leitor também possa descobrir outras novidades neste trabalho e que possa compartilhar surpresas e emoções ao ler as histórias do Francisco, do Manoel, do Márcio, do José...

**Profa. Dra. Andrea de Moraes Alves** é graduada em Ciências Sociais pela UERJ, é mestre em Sociologia pelo IUPERJ, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutora pelo Instituto de Medicina Social da UERJ e atualmente é professora da Escola de Serviço Social da UFRJ. Entre muitas publicações, destaca-se o livro *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade* pela Ed. FGV, 2004.

# Apresentação

ESTE LIVRO É FRUTO DE UM TRABALHO DE PESQUISA REALIZADO PARA A OBTENÇÃO do título de doutor em Serviço Social. O terreno das reflexões apresentadas são as experiências de homens gays, de camadas sociais médias, moradores da cidade do Rio de Janeiro.

A tese concluída em outubro de 2011 para o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o título “Homossexualidade Masculina e a Experiência de Envelhecer”, teve amplos dobramentos. A ideia de torná-la um livro veio a partir de muitos incentivadores e apoiadores da possibilidade de expandir o acesso ao conteúdo deste trabalho para além do campus universitário, que entremeia as revistas acadêmicas. Neste sentido, agradeço especialmente aos professores Dr. Marco José Duarte, Dra. Maria das Dores Campos Machado, Dra. Andréa Moraes Alves e Dra. Myriam Lins de Barros. Meu muito obrigado à Dra. Christiane Zeitoune, interlocutora de todos os momentos, e a Maicon Oliveira pela incansável força para esta realização. E a todos os amigos que sempre estiveram comigo nesta trajetória.

O tema em questão aparece como reflexão analítica recente para a trajetória profissional do pesquisador, que investe emoções ao questionar os lugares ocupados por homens, homossexuais com mais de 60 anos, no âmbito de seu espaço social. Muitas idas e vindas foram dadas a fim de se conhecer as sociabilidades, afetividades, medos, angústias e o enfrentamento das mazelas distintas das concepções de velhice e de homossexualidade, solidificadas e construídas por esta sociedade que segrega e despreza todos aqueles que, de alguma maneira, ousaram ser o que são.

O livro abre espaço para se pensar sobre todos os que lutaram para “sair do armário” e assumir serem gays, e nesta longa trajetória se percebem como velhos. Assim, o título do livro se vale da frase de um dos entrevistados ao afirmar que “ao sair do armário, entrou na velhice”. Apesar da geração desses homens entrevistados não acentuar esta metáfora do “armário” como questão social, pois tal aspecto é recente na luta por direitos, a ideia de armário amplia as relações de visibilidade e pronunciamento de uma identidade homossexual sujeita à discriminação nesta sociedade heterossexista. O entrevistado, ao proferir essa



frase que dá título ao livro, acentua o fato de que há muitas lutas para a afirmação social, cujo pronunciamento em assumir-se gay se construiu em meio a perdas e ganhos que revelam muitas questões para as novas gerações de indivíduos que hoje são jovens e amanhã serão velhos.

O maior desafio desta realização foi a busca por atores sociais para a participação na pesquisa e a dimensão teórico-metodológica desta reflexão, a qual circunscreve as relações homossexuais de uma geração que revela suas memórias e experimenta os efeitos da velhice no presente. Assim, não se sai impune de um trabalho como este, que tem uma dimensão ampla de significados para a trajetória acadêmica de qualquer pesquisador, seja pela importância do tema, seja pelos encontros com as categorias homossexualidade e envelhecimento, tão caras à sociedade contemporânea.

Nestas páginas são evidenciadas referências à complexidade desses indivíduos que lembram o passado, vivem o presente e relativizam o futuro. Esses sujeitos entrevistados, hoje velhos, ou para ser mais respeitoso como alternativa de aproximação ao ideal de juventude, coroa, maduro, idoso, da terceira idade ou senhores, mostram-se agentes intencionais de suas existências em meio às experiências sociosexuais vividas de maneira clandestina, desviante e subalterna. A percepção de suas narrativas sobre as próprias trajetórias são um campo fértil para a análise do que hoje entendemos por diversidade sexual, identidade gay, comunidade simpatizante daquilo que vai além das experiências heterossexuais, além de colocar pluralidade na experiência do que se classifica como homossexual.

Baseado na análise de uma ampla pesquisa com referenciais sociológicos e antropológicos, este livro segue os conteúdos da tese de doutorado já dimensionados, mas com uma reformulação, releitura e atualização do texto. A ideia inicial para esta publicação foi elaborar uma dinâmica de organização de capítulos, de modo que pudessem ser lidos em qualquer ordem uma vez que estão articulados entre si. Essa estrutura possibilita entrar no universo das discussões a partir de cada questão de interesse do leitor, sem prejuízo da noção do conteúdo.

O tema em discussão, o lugar do gay velho nesta sociedade, aponta para certas particularidades por envolver uma dinâmica de questões pouco elucidadas em debates acadêmicos e no âmbito das políticas públicas, apesar de estarem na ordem dia. Talvez isso ocorra porque esse sujeito seja um “outro” que não quer se ver desviante, que traiu os papéis da masculinidade sob o crivo da norma heterossexual e ainda que não serve aos interesses do mercado, das relações normatizadas. Assim, as narrativas dos entrevistados trazem à tona o olhar que

esse sujeito velho constrói sobre si e sobre os outros que os olham. O diferencial é que este “outro”, muitas vezes, são seus pares identitários, pois a segregação aos velhos gays também está sobre o crivo do próprio circuito gay em determinados territórios que os impulsionam para maior invisibilidade no espaço social.

Tais sujeitos, entretanto, não se percebem como velhos. Ao falarem sobre si, situam-se em um lugar da vida em que sempre estiveram, mas acentuando as mazelas do tempo marcadas no corpo pela trajetória da vida. Apesar dessa perspectiva já ter sido abordada por Simone de Beauvoir (1990) ao nos contar quanto o velho é alguém que não sou eu, no caso de nossos entrevistados há novas questões cujos parâmetros foram tratados neste livro.

Os questionamentos abordados fazem parte de reflexões conhecidas, socializadas e, muitas vezes, comuns no âmbito da discussão sobre a velhice. A peculiaridade aqui é tratar velhice no âmbito da dimensão sociosexual da homossexualidade articulando-se a uma geração que foi marcada por dois processos estruturantes na luta por direitos. Primeiro, para a geração dos entrevistados, a homossexualidade foi sentida como patologia e desvio sob o crivo da ciência médica psiquiátrica, deixando de vigorar no livro de doenças somente em 1990. Segundo, que esses homens vivenciaram, a partir das últimas décadas, o novo momento no qual se levanta a bandeira política em prol da diversidade, do reconhecimento e da luta pelo direito à diferença, que se impõe em uma ordem para além da heteronormatividade.

De todo modo, se a velhice aponta para ganhos e perdas, sendo que as perdas se sobressaem aos ganhos na ordem dos significados para a vida contemporânea, ao agregar a identidade gay, o sujeito velho muitas vezes se percebe em duplo estigma, sem autonomia e independência para prosseguir. Mas o que se pode perceber a partir das narrativas é que não faltaram projetos de vida, vontade de amar e manter novas relações sociosexuais, a fim de reinventar a felicidade no tempo presente de suas vidas.

No contexto da pesquisa, o pesquisador foi como um pêndulo; não andou em linha reta por estar imbuído de um processo metodológico que o expôs no universo da pesquisa. Assim, diante do capital cultural adquirido ao longo da construção do instrumental sociológico, o desafio foi colocar um patamar além do senso comum e tentar aproximações capazes de despertar confiança a fim de resgatar da memória dos entrevistados aspectos peculiares sobre suas vidas. Foram estimulados a contar sobre os seus primeiros encontros, a descoberta de desejos proibidos, as estratégias para realizações homossexuais e os dilemas

enfrentados para manter em segredo suas experiências homoeróticas em meio à heteronormatividade.

Neste sentido, as posições do pesquisador mantêm certa contiguidade com o processo de construção dessa experiência e a trajetória teórica do objeto que é político. Entretanto, se essa discussão fosse direcionada para o método, no bojo dos vários sentidos simbólicos da relação de poder que a reflexão sobre sexualidade e envelhecimento envolve, tal percurso poderia ser denominado de “teoria da prática”. Trata-se, de modo geral, de uma perspectiva teórica que busca articular as práticas dos atores sociais na vida concreta analisando as estruturas e sistemas que exercem coerção sobre essas práticas em constante transformação.

Essa perspectiva pressupõe que a história faz as pessoas, mas antes as pessoas fazem a história. O que se evidencia sobre a teoria da prática na análise de Pierre Bourdieu (2009) é a perspectiva relacional, que se contrapõe ao materialismo positivista orientado para a análise funcional sobre esquemas sociais. Portanto, são considerados os condicionamentos que produzem o *habitus*, “sistemas de disposições duráveis e transponíveis como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas sem supor a intenção consciente” (BOURDIEU, 2009, p. 87). Entra em questão a análise dos *habitus* individuais inerentes às trajetórias sociais aqui expostas, cujas experiências anteriores e novas realizam integração comum aos membros de um mesmo extrato social, definidos pelas dimensões de classe, geração, gênero, etnicidade. Neste contexto, é possível analisar o estilo de vida individual, a marca particular que todos os produtores de um mesmo *habitus* carregam para a compreensão da experiência de ser gay no curso da vida.

Por fim, dedico este livro a todas as pessoas envolvidas na luta política pelos direitos humanos, em todas as suas dimensões e, em particular, aos homens que disponibilizaram suas histórias, narraram suas emoções e confiaram a mim suas verdades.

*Murilo Peixoto da Mota*

# Introdução

TEM SIDO LUGAR-COMUM AFIRMAR QUE O BRASIL ANTES DE ENRIQUECER, ENVELHECE. Entretanto, como devemos ponderar que todo clichê merece ser relativizado, é preciso pensar nos contextos simbólicos de seus significados. Levando-se em conta a amplitude conceitual de riqueza como um valor e a velhice como sentido simbólico, constata-se que a população brasileira ainda não envelheceu. Envelhecer é um processo da vida e tem representações complexas na sociedade contemporânea. Do ponto de vista do conceito demográfico, significa aumentar o número de anos vividos. Para as ciências sociais, a cronologia da vida é um dos aspectos da dimensão humana que envolve questões culturais, econômicas e sociais. Como lembra Pierre Bourdieu (1983, p.112), “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”.

A projeção de que em 2020 (IBGE. 2002) a sociedade brasileira possa conviver com 13% da população com idade superior a 60 anos coloca amplas questões na pauta do debate das políticas públicas e da luta por cidadania. Quem são esses sujeitos? Como vivem, relacionam-se e o que pensam sobre seus projetos de vida? Quais são as suas particularidades sociosexuais?

Sessenta anos é uma idade considerada um marco importante que explicita a urgência da implementação de uma série de políticas públicas e direitos sociais para os idosos, definidos como obrigação do Estado. O Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003) é um exemplo. Nem por isso, todavia, é adequado homogeneizar essa fase da vida de modo a unificar condutas que caracterizem o indivíduo como velho. A idade expressa uma representação social e deve ser contextualizada para a análise do processo de envelhecimento como um todo.

Nesta reflexão sobre idade, há a perspectiva de análise que é apenas um critério que circunscreve o recorte social e espacial dos indivíduos. Assim, a idade fundamenta ordenamentos e costumes a partir de uma necessidade lógica de classificação. Pode-se acrescentar, ainda, que os homens não se distinguem “visando encobrir ou justificar as relações que mantêm entre si, mas por uma necessidade lógica que também os leva a pensar em sua existência em termos de grupamentos e divisões” (BOURDIEU, 1987, p.19).

Neste sentido, a delimitação etária dos homens envolvidos nesta discussão, homossexuais com mais de 60 anos, merece algumas reflexões críticas e aponta

para o uso da categoria geração. Inicialmente, cabe mencionar que o fenômeno idade, responsável por um conjunto de imagens e representações demarcadoras, revela noções de valor ao longo da vida, as quais ganham complexidade para o debate sobre o envelhecimento. A idade está envolvida em mitos, na ideia de representação cronológica de um indivíduo e sua biografia, numa referência biológica para o que simboliza ser velho. Há toda uma discussão que abarca um amplo processo de análise a respeito da idade como uma alusão sobre juventude e velhice para o indivíduo moderno.

No bojo deste debate, encontra-se a chamada terceira idade. Trata-se de um marcador que aponta para certos princípios e requer uma nova compreensão da velhice dentro de um leque de possibilidades. Nesta direção, tal concepção busca valorizar e integrar os velhos às mesmas oportunidades ofertadas aos jovens, mas considerando as suas limitações e necessidades como agentes no espaço social (ALVES, 2004b; DEBERT, 2004).

O fenômeno da idade possui representações diferenciadas em cada sociedade, o que significa afirmar que o processo de crescimento e envelhecimento tem dimensões culturais, sociais e históricas. As características básicas de crescimento do indivíduo são percebidas nas sociedades a partir de parâmetros simbólicos construídos socialmente. Em nossa cultura, há atributos para todos os grupos etários em termos de definições, hierarquias e poderes, os quais definem o lugar que cada um ocupa na sociedade. Assim, juventude e velhice são expressões que seguem um padrão de representação geral e difuso, relativo a comportamento referenciado e a certos estágios da vida.

Vale lembrar que a geração dos homens entrevistados usou caneta tinteiro, fez curso de datilografia, utilizou expressões como “caiu a ficha”, “tudo joinha”, “no meu tempo eu era assim”. Além disso, para eles o tempo presente passou a ser recheado de lembranças e comparações de um passado saudoso, como se a velhice explicitasse o desaparecimento do sentido daquilo que se é e para onde se pode ir. Para os velhos, numa perspectiva mais geral, a juventude passa a ser uma lembrança do lugar que ocupavam socialmente com maior poder de decisão, autonomia e independência, de modo que o processo de envelhecimento ressalta certas perdas. Mas para muitos entrevistados, o sentido de juventude ainda lateja e impulsiona como algo presente. A declaração de um deles ao olhar para o seu retrato em cima de um móvel demonstra isso: “Este sou eu aos 30 anos, estava no auge.” A velhice passa, assim, a ser uma interação de lembranças e adaptações do que se constrói de si na trajetória da vida.

Considerando a particularidade da experiência social e sexual, assim como as identidades sociais e individuais, é fundamental levantar alguns questionamentos. Como são as experiências relacionais do gay velho neste contexto? De que forma o duplo preconceito, envelhecer e ser gay, impacta a vida desses indivíduos? Ou, ao contrário, esses indivíduos gozam de novas possibilidades em meio ao envelhecimento e à experiência homossexual no mundo contemporâneo?

Este livro pretende focalizar as relações homossexuais no contexto do envelhecimento a partir de lembranças sobre trajetórias de vida. Neste sentido, o estudo analisa os homens gays, com mais de 60 anos, provenientes de camadas médias cariocas. A partir de suas narrativas, experiências sociais e sexuais são estudadas no âmbito de suas significações, que formam a trama do gay que envelhece.

A homossexualidade masculina e o envelhecimento são tratados aqui a partir de aportes teóricos de autores alinhados à perspectiva da construção social, que tornaram este debate complexo e profícuo, permitindo investigar a ação consciente desses sujeitos no espaço social. Esses aspectos acionam lembranças do curso da vida, sentimentos, atividades, sociabilidades e práticas sexuais numa sociedade onde a vida jovem, o individualismo e a norma heterossexual são valorizados.

O fato dos entrevistados pertencerem a camadas médias contextualiza e delimita os indivíduos envolvidos neste estudo. As denominadas camadas médias demarcam um meio de vida heterogêneo, espelham impessoalidade, relações hierárquicas e estilos de vida. Está presente nessa ideia a possibilidade de o indivíduo agir conscientemente, de escolher e projetar seu futuro a partir de suas experiências, que formam as bases para pensar a sociedade moderna (BARROS, 1987). Os entrevistados escolhidos são ocupantes de cargos comissionados em grandes empresas, professores, ex-funcionários públicos e profissionais liberais. Trata-se, assim, de perfis de sujeitos com alta escolaridade. Deve-se ressaltar que essa referência às camadas médias não se restringe ao debate sobre classe social como expressão sintética. A ideia de camada acentua a referência simbólica no contexto de estilos de vida dos indivíduos, que podem partilhar com o grupo certas características sociais e culturais, não apenas como correlações de forças econômicas (BOURDIEU, 1983).

Essa reflexão permite ampliar a análise sobre a sociedade brasileira, pois demonstra a grande heterogeneidade social e as implicações da forte hierarquização nas relações sociais existentes. O resultado disso é que os valores implicados pelos modos de vida passaram a ser mais importantes do que a situação de classe. No contexto de camadas médias, são expressas as delimitações sobre o espaço social como referência a campos de forças circunscritas pelas diferenças, em que as

classes, em seu sentido simbólico, existem em estado virtual, não como um dado, mas como algo que se realiza, se opera e se faz (PEIXOTO, 2000). Assim, camadas médias possuem sentido de posição relacional para os sujeitos com destaque nas construções dos espaços sociais, e pelo volume de capital cultural disposto pelos indivíduos em suas trajetórias. Neste sentido, a ideia de “camada” focaliza a análise de classe e toma como fundamento o sistema simbólico do jogo econômico, o modo como são vivenciados os estilos de vida e as possibilidades de analisá-los.

Ressalta-se, ainda, que a partir das entrevistas, as reflexões acerca da experiência de vida, os contextos de relações em meio à sociabilidade e o que caracteriza os estilos de vida ganham centralidade nesta discussão. Por essas disposições, há a possibilidade de elucidar as mudanças históricas e culturais, as quais as trajetórias desses indivíduos estão relacionadas. Isso implicou analisar a amplitude das experiências, ou seja, aprofundar no saber dos entrevistados aquilo que fazem e por que o fazem como agentes sociais, o que permite analisar as características do contexto social no qual estão inseridos.

A velhice é um fato na trajetória da vida e é percebida muitas vezes como problema em uma sociedade que supervaloriza a juventude, o hedonismo, a produtividade mecânica. Assim, o retrato da velhice é feio e por isso o velho é sempre o outro a quem não se quer enxergar, pois nesta sociedade é recorrente que se busque manter o ideal de aparência e estilo jovem. Desse patamar, surgem alguns questionamentos. Até que ponto a geração que hoje envelhece sofre com o mito da eterna juventude? Até que ponto a velhice de hoje está sendo bombardeada como um problema político, sendo confrontada pelos desafios da busca por longevidade e crise de seguridade social, sem uma solução prática que venha a atender as exigências da alta modernidade.<sup>3</sup> Essa geração de gays que hoje envelhece está reinventando a velhice colocando em prática a receita “prazer de viver” como se é, ou está se entregando às mazelas brutais do mercado da aparência física, que atribui certo sentido de beleza como padrão de estímulos à felicidade? E o que têm a dizer sobre a velhice aqueles que lutaram para afirmar e aceitar a própria sexualidade em meio à segregação de ser homossexual, e que hoje vive o sentido de ser visto como velho?

---

3 Alta modernidade é um termo utilizado por Anthony Giddens, por Scott Lash e Ulrich Beck com o propósito de ampliar a análise da sociedade pós-moderna ou contemporânea, levando em conta suas ambiguidades. Trata-se de caracterizar criticamente esta nova fase como reflexiva. Neste sentido, há muitas modernidades possíveis, para além da forma percebida como sociedade industrial.

## A velhice e a homossexualidade como questão: noções para análise

A VELHICE REPRESENTA UM CONTEXTO SOCIAL CRUEL PARA QUEM ENVELHECE. O envelhecimento das populações tem assolado economicamente os países em desenvolvimento exigindo políticas públicas e enfrentamento das questões sociais que envolvem os indivíduos com mais de 60 anos. É unânime o pensamento sobre a urgência de soluções para a carência de sociabilidade, bem-estar e assistência adequada para esses sujeitos que demandam novos estilos de vida no mundo contemporâneo. Todavia, muitos estudiosos têm salientado quanto o custo social da população idosa tem sido repassado para ela mesma. Obviamente, a dimensão do sofrimento costuma ser mais dramática nas parcelas da população empobrecida que, por falta de condições de toda ordem para cuidados na própria família, lotam com seus velhos os abrigos e asilos, instituições precarizadas pela falta de equipamento e pessoal especializado. Neste contexto de mazelas sociais associadas à experiência de envelhecer, o que dizer sobre os homossexuais com mais de 60 anos? Que relações estabelecem no espaço social?

A complexidade do processo de envelhecer aponta para uma série de questões imprecisas sobre o termo velhice. Os sinais do corpo são elaborados e apropriados simbolicamente de diferentes maneiras de uma cultura para outra, de modo que as fronteiras etárias são relativizadas com sentidos distintos em cada sociedade. Mas ao longo do século XX, o que se acentua nas sociedades ocidentais é o ideal de juventude e seus efeitos simbólicos sobre a utopia de eterna vitalidade, beleza e sentido de felicidade.

A representação de eterna juventude e a possibilidade de experimentá-la indefinidamente teve seu ápice no século XVI com o que se evidenciou denominar o mito da “Fonte da Juventude”. Conta a lenda que, à época, ocorreram expedições em busca desta “piscina” que rejuvenesceria e traria de volta o vigor físico, a beleza e a boa memória àqueles que não aceitavam envelhecer. Ainda em direção ao que poderia representar este fenômeno, o escritor Oscar Wide



causou escândalo com o seu livro “O retrato de Dorian Gray”.<sup>4</sup> Nessa obra, o protagonista faz um pacto com forças obscuras e, em troca de juventude eterna, passa a transferir para uma pintura que retrata com perfeição a sua beleza, tudo o que de ruim, decadente, envelhecido e mau existe ao seu redor. Até mesmo a sabedoria entra em questão, e o personagem afirma que “beleza, a verdadeira beleza, acaba onde principia a expressão inteligente”, enquanto que “a beleza é uma forma de gênio, mais elevada que o gênio, pois dispensa explicação”. Ao ver-se em seu retrato, desespera-se: “(...) se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse! Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até a alma!” (2006, p. 52).

Não se pode deixar de destacar, também, o filme “O Curioso Caso de Benjamin Button”<sup>5</sup> e sua contribuição para o debate que problematiza com maestria as dicotomias jovem e velho, nascer e morrer no curso da vida, e que merece comentários.

O enredo se inicia com a inauguração de um relógio central em uma estação de trem, cujo construtor o fez de tal forma que os ponteiros girassem ao contrário com o intuito de retroceder o tempo e fazer reviver o filho morto na I Guerra Mundial. Na tomada seguinte, nasce o personagem Benjamin Button, um bebê atípico, pois seu corpo de recém-nascido apresenta feições de um velho de 80 anos. Rejeitado pela aparência física, Button é deixado pelo pai nas escadas de um asilo para idosos, “ironia do destino”. Aos poucos, o personagem se revela fisicamente velho, mas com a experiência emocional de uma criança que aprende a andar, brincar e ter curiosidade pelo mundo. Sendo criança em um corpo velho, ele possui todas as limitações impostas pela velhice, contudo, revela grande expectativa no futuro que virá à frente. O tempo é singular para o personagem Button, cria ritos de passagem e, de certa maneira, transcorre como um contraditório na experiência de vida, amadurecimento e juventude/velhice do corpo. A história é contada cronologicamente do presente ao passado, através da leitura do diário de Button feita por sua filha junto ao leito de morte da mãe. Em sua trajetória, que então começa a ser descortinada,

4 Do original em inglês *The Picture of Dorian Gray*, romance publicado originalmente em 1890.

5 A ficção, baseada no clássico romance homônimo escrito por F. Scott Fitzgerald por volta de 1920, *The Curious Case of Benjamin Button*, acontece em Nova Orleans, Estados Unidos, no ano de 1918. O filme foi lançado em 2008 com direção de David Fincher, roteiro de Eric Roth e Robin Swicord. Disponível em: <http://www.benjaminbutton.com.br>. Acesso em: 14 jun. 2011.

a vivência dele em um corpo de velho cria a ambientação de certo real-maravilhoso, semelhante ao realismo fantástico da literatura hispano-americana. O tempo corrido para Button o leva ao rejuvenescimento físico até se tornar um bebê novamente, porém, com o espírito e a capacidade mental comprometida pela velhice. O personagem se torna ranzinza e passa a esquecer das coisas e das pessoas, apesar de estar com a aparência de uma criança. Assim, no decorrer da história, o crescimento explicita sua trajetória para a morte, inversamente à idade cronológica, num duelo entre o corpo velho do nascimento, a caminhada em direção a um corpo adulto, jovem, infantil, até o momento da ruptura, quando morre na velhice mas em um corpo de bebê.

A complexidade da trajetória do personagem Benjamin Button apresenta uma interessante análise sobre o curso da vida. A ironia de Button é que, mesmo ao nascer com um corpo de velho, ele detém a experiência de vida de um bebê.

Esse filme coloca a velhice não como o fim da vida, mas como o início de muitas possibilidades, sem deixar de abordar as limitações no âmbito da natureza do corpo, mas contextualizando nele o curso da vida fragmentada pela trajetória que vai da aparência de velho para novo. Não se pode deixar de ver nessa obra uma ampla reflexão sobre os aspectos que envolvem as dicotomias jovem/velho e nascimento/morte no curso da vida, elementos fundamentais que introduzem este livro.

É preciso considerar o fato de que a demarcação entre juventude e velhice tornou-se um símbolo da sociedade moderna, na qual, segundo Norbert Elias (2001), os velhos não são aqueles que suscitam o desejo de identificação, e sim o contrário. Nessa perspectiva, o autor ressalta que os anos de decadência acentuados pela velhice são penosos. Trata-se de um contexto em que a fragilidade dos indivíduos expõe a dificuldade para lidar com as dimensões que articulam a degeneração do corpo e as experiências da vida. Entretanto, a velhice tem demarcações diferenciadas ao longo da história, cuja dimensão possui representações diversas em cada cultura e expressa uma relação direta com o estilo de vida do indivíduo na sociedade. Ela está sob os efeitos da condição econômica e social do sujeito e exerce influência nas diferentes condições de sua existência. É possível destacar que, na atualidade, homens ou mulheres na faixa dos 60 anos, de camadas médias urbanas, possuem maiores recursos para um envelhecimento de qualidade do que os de camadas mais populares. Os recursos materiais e simbólicos disponíveis vão influenciar na construção da qualidade de vida na velhice e, conseqüentemente, no modo como se pode compreendê-la.

O que se acentua é que estar velho nesta sociedade é também estar desprovido de autonomia, além de incapaz para o trabalho produtivo. Há tentativas de positivação dessa faixa etária através de mudanças na linguagem, por exemplo, com a adoção de termos como “terceira idade” ou “melhor idade”, ao invés de “velho” ou “idoso”. Contudo, a expressão “velho” é reivindicada por especialistas por denotar maior precisão e identificação etária, mesmo que seja menos respeitosa (BARROS, 2007). Em qualquer das nomeações, entretanto, a velhice nos lembra de que o tempo de morrer está mais próximo.

Contudo, a velhice expõe as referências que a experiência de vida produz nos sujeitos ao longo da sua trajetória de vida. São as lembranças construídas e eleitas como aspectos fundamentais que marcaram uma geração. Neste sentido, os homens entrevistados abordaram peculiaridades muito características de uma época. Em seus relatos, há muita força nas lembranças dos amores escondidos, dos medos que envolvem a descoberta do desejo sexual, das estratégias para se encobrir afetos a outros como eles. Diante de muita riqueza no conteúdo das falas, o foco da análise valorizou certos fatos que puderam descortinar a construção da homossexualidade até a chegada da velhice. Assim, o casamento com mulheres, o sucesso profissional, as relações afetivas, a perspectiva de assumir-se gay, as relações com o corpo e a sexualidade, com sentido de identidade no espaço social, foram priorizadas como questões para debate.

Portanto, os acontecimentos, a incorporação de esquemas de percepção e a apreciação do mundo adquiridos como *habitus* e correlacionados com o futuro na forma de escolhas, gostos, projetos, pretensões e sentidos simbólicos atribuídos ao envelhecimento, foram, aos poucos, sendo alinhavados neste livro.

## 1.1. Homossexualidade e velhice no espaço social

O conteúdo apresentado se entrelaça a um *corpus* teórico no qual a reflexão sobre o envelhecimento e o velho assume conotações peculiares nos debates em ciências sociais. Se por um lado teve maiores amplitudes reflexivas como fenômeno social, por outro ainda são categorias subalternizadas na academia, principalmente ao articular o estudo sobre a homossexualidade e seus desdobramentos identitários. Ademais, ao apontar para a análise sobre o curso da vida de homossexuais masculinos de camadas médias, este livro amplia as possibilidades para novos olhares sobre o envelhecimento dos homens no mundo contemporâneo, acrescentando

que há algo além do cerco heteronormativo da vida em curso. A novidade dessa discussão não é a análise da experiência da homossexualidade e da velhice em si, mas a percepção da diversidade sociosexual e a complexidade que advém dessas duas categorias experimentadas pelos indivíduos na contemporaneidade.

A exposição dessa reflexão exige que se ascenda o pavio para políticas públicas comprometidas com a diversidade, o que requer, também, parâmetros reflexivos para a ação de todos os profissionais envolvidos com o campo da intervenção, que corrobora com a qualidade de vida do idoso, levando-se em conta suas particularidades sociosexuais. O que se quer é afirmar que as distinções classificatórias construídas pela sociedade avancem para o respeito a diferenças entre os indivíduos, mas sem perder a percepção de que todos nós somos iguais perante a lei e diversos diante de nossas subjetividades e desejos. Será fundamental estar atento para a discussão sobre a diferença entre os indivíduos na sociedade contemporânea, a fim de rever metodologias de intervenção para a saúde e qualidade de vida, além de impor posicionamento ético e novos aportes teóricos reflexivos para que todo cidadão, em todas as fases da vida, seja percebido e respeitado a partir de suas identidades sociais e sexuais.

Nas linhas que seguem, a discussão focaliza os indivíduos homens como categoria socialmente construída, o que possibilita pensar o poder que exercem em determinado espaço social sobre outro homem e a mulher, e o que representa ser feminino no âmbito de uma sociedade heteronormativa. Não é por acaso que este livro se direciona para a análise do curso de vida do homossexual masculino. Não se trata de uma referência meramente sexista, mas sim buscar contribuir com os estudos de gênero e acrescentar novas reflexões que possibilitem caminhar rumo à desconstrução da hegemonia simbólica masculina em nossa sociedade.

Ao longo das reflexões apresentadas, será fundamental atentar para o significado do uso do termo homossexualidade, que aponta para uma nomenclatura classificatória. O sentido dado à homossexualidade merece certos esclarecimentos, pois, além de se tratar de uma nomeação à prática erótica e sexual entre indivíduos do mesmo sexo, tem distinções evidentes pelo o que significa ser gay. Assim, sustenta-se que gay e homossexual possuem características linguísticas e perspectivas políticas e culturais diferentes. O termo homossexual tem importância como classificação, pois define a quem nos referimos a partir da prática sexual. Já a denominação gay realça identidade, sensibilidade, gosto e estilo de vida associados às relações sexuais e afetivas entre homens (COSTA, 1992; PARKER, 2002).

Os embates teóricos acentuados descortinam a amplitude da experiência de envelhecer com algumas especificidades, pois acrescenta a complexidade das categorias envolvidas no universo das homossexualidades, as quais merecem, igualmente, elucidações para circunscrever a definição sobre velhice. Neste contexto, novas indagações se fizeram necessárias ao universo deste debate: deveria abordar os homens inseridos na expressão mais identitária gay, ou considerar, também, aqueles menos “assumidos”, os que permanecem no “armário”, que apenas interagem sexualmente de maneira esporádica com homens para os quais a classificação homossexual não faz sentido? A resposta tendeu para uma abordagem junto àqueles mais assumidos como indivíduos homossexuais e identificados com a cultura gay.

Tais reflexões se inserem no âmbito das preocupações que envolvem a categoria identidade. Considera-se fundamental frisar que as definições identitárias vêm a reboque da análise sobre os usos e desusos das classificações sexuais como determinantes para a conduta homoerótica. Este debate tem despertado calorosas reflexões que orientam aspectos acerca da discussão sexual como um legado da natureza. A palavra homossexual possui cunho essencialista, como se abarcasse um referencial hormonal, o que justificaria o seu entendimento dentro de um processo coerente, linear e no âmbito da trajetória da vida sexual. Contudo, a definição do perfil de homens homossexuais delimita esse universo, sem desconsiderar que há instabilidades e contradições inerentes a esse conceito e ao processo de construção da sexualidade na cultura, o qual é influenciado pelos modelos hierárquicos das relações de gênero.

Dessa forma, considerando as noções de construção de todo um conjunto de práticas, atitudes e representações eróticas, através das quais o sujeito se vê e age no mundo social, foram abordados os homens circunscritos na denominação “homossexual”, sem perder de vista, no entanto, a existência de caráter múltiplo e heterogêneo da experiência homoerótica, refutando qualquer perspectiva universalizante e essencialista de tal conduta. Em outras palavras, considera-se que a experiência da homossexualidade é plural e deságua em campos identitários diversos.

Esta discussão tem seu pressuposto fundamentado no fato de que a escolha do objeto sexual não é inerente ao indivíduo, uma vez que ele é construído, modificado e transformado com base nas experiências sociosexuais e afetivas da vida em curso. Neste sentido, não há possibilidade de generalizações que venham homogeneizar a conduta sexual, pois ela adquire significados e

valores diferentes para os sujeitos, que são influenciados por questões étnicas, econômicas e culturais. Tais questões elucidam os referentes para a análise sobre o indivíduo com desejo homossexual e suas denominações. Assim, procura-se ir além da definição conceitual do termo homossexualidade para não se fazer associações simplistas com o significado de ser gay, pois, como já salientado, há homens com práticas homossexuais que não se percebem em uma identidade gay. Portanto, reforça-se a reflexão de que “ser gay” abranje conotações para além da classificação da prática sexual, abarcando gostos, comportamentos e linguagens próprios. O termo gay trata de uma identidade no espaço social, cuja carga cultural tem relevância para certos estilos de vida centrados na sexualidade, principalmente, de homossexuais masculinos, foco deste estudo.

Dentro desses parâmetros, em que se busca clarificar as categorias em questão, vale contextualizar o termo identidade com certo cuidado. Identidade é uma categoria sociológica que, apesar do senso comum apontar para algo fixo, estanque e seguro para caracterizar o indivíduo no espaço social, está dimensionada sob influência da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes que acionam mudanças e transformações. Portanto, a identidade do indivíduo não o explicita como um sujeito integrado, agente coerente e estável no espaço social. Trata-se de uma referência a um sujeito transformador de sua realidade em constante mudança. Segundo Stuart Hall (2006, p.13), “a identidade segura e fixa do indivíduo é uma fantasia, pois somos uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais nos identificamos.”

Ademais, a ideia de identidade está sendo percebida a partir de suas significações culturais, mas não pode ser confundida com papéis sociais (ser mãe, pai, trabalhador, professor etc.), que são definidos por normas e instituições da sociedade (família, escola, igreja etc.). Por sua vez, as identidades são construídas pelos indivíduos e internalizadas como fonte de sentido de si mesmo, que envolve ação e identificação simbólica daquilo que são e pelo que fazem no espaço social. Dentro dessa perspectiva, a ideia de identidade traz em seu contexto a expressão de uma construção sociocultural que une o indivíduo ao grupo e às formas de atribuição social as quais deseja pertencer. A “identidade social” explicita que a experiência sexual é complexa e entrelaça as ações do indivíduo e da coletividade, portanto, refere-se a elementos característicos que identificam grupos sociais. A identidade dá origem a formas de resistências coletivas

diante da opressão a que certos grupos estão submetidos, como gays, negros e mulheres (CASTELLS, 1999).

Toma-se como foco neste livro a trajetória de indivíduos de uma geração que acompanhou o processo de transformação em momentos históricos importantes, como o acontecimento da Revolta de Stonewall<sup>6</sup> nos EUA, o período da Ditadura à abertura política, o impacto da pandemia do HIV/AIDS,<sup>7</sup> a transição da perspectiva patologizante sobre a homossexualidade para uma de direitos no âmbito dos novos movimentos sociais, o processo de construção de um circuito cultural gay nas cidades brasileiras, as principais jurisprudências que ampliam o reconhecimento da união civil entre casais com pessoas de mesmo sexo e a evidência dos eventos da Parada Gay, entre outros. Esses momentos contribuíram para dar maior visibilidade à sociabilidade, à homossexualidade, à luta pelo reconhecimento social e civil do movimento de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). Como consequência, essa geração se viu no auge das mudanças sociais, que influenciaram novos estilos de vida gay, com reflexos no crescimento do mercado de consumo, dos espaços de sociabilidade, das formas de lazer, das manifestações públicas e da reafirmação política de direitos sociais e civis. Levando-se em conta tais recortes que caracterizam uma geração, pode-se acrescentar novos questionamentos.

Para os indivíduos gays com mais de 60 anos, a luta pela afirmação da homossexualidade na trajetória de vida e a saída de “dentro do armário”<sup>8</sup> esbarra na aceitação do processo de envelhecer? Até que ponto tais aspectos estão associado ao campo dos estereótipos do gênero masculino, que ressaltam a heterossexualidade compulsória e o mercado sexual, que concebe o corpo como um capital, supervalorizando a juventude e negando o envelhecimento?

6 <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/06/256492.shtml> — visto em 16/08/2011.

7 O surgimento dos primeiros casos no Brasil, em 1982, da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) originou um verdadeiro pânico pelo nível de desconhecimento sobre a doença na qual um resultado positivo eliminaria qualquer sentido de alongamento da vida. O cantor e compositor Cazuzza, acometido pela AIDS, chega a dizer, em uma de suas músicas, que “o meu prazer agora é risco de vida”, como referência a ser um portador do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

8 A expressão “dentro do armário” se refere ao momento em que o indivíduo não assumiu a homossexualidade e, mantendo-se isolado na sua posição, vez por outra, sai para vivenciá-la clandestinamente como uma prática sublimada. Assim, até o momento de aceitar a sua condição de homossexual, o “sair do armário” ou *coming out*, o indivíduo passa pelo duplo processo de integração: na comunidade gay e de afirmação pública, seja no âmbito da aprendizagem, seja como busca de estilo de vida (WEEKS, 1977; HART e RICHARDSON, 1981; POLLAK, 1985; e VIEIRA, 2010).

Este livro se baseia no trabalho de pesquisa de campo realizado em outubro de 2009, momento dedicado a identificar os personagens potenciais e a mapear os espaços de sociabilidade. O fundamental foi encontrar redes de amizades espontâneas e oriundas de diversos territórios do circuito gay carioca, que evidenciassem passagens e permanências relacionais de gays velhos no espaço público. Assim, demarco como *corpus* analítico as trajetórias de vida de quinze homens, circunscritos ao universo social homossexual, com mais de 60 anos e de camadas médias cariocas.

No decorrer do trabalho de campo para obtenção de entrevistados, foi possível encontrar homens oriundos de diferentes atividades, ocupações, bairros e religiões, portanto, de distintas redes sociais, formando uma heterogeneidade de experiências sociosexuais, demonstradas nas narrativas apresentadas. As entrevistas possibilitaram amplas reflexões sobre o momento presente. A partir do resgate das lembranças e das marcas de um tempo vivido, que não fluem de forma linear e uniforme, os entrevistados relataram tropeços e pontuaram uma sucessão de momentos históricos que foram sendo alinhavados na tentativa de dar coerência à vida corrente, e também expressaram o que pensam sobre os seus projetos futuros.

A principal contribuição das narrativas desses entrevistados é que elas põem em evidência a experiência da homossexualidade e suas transformações como modo de vida. Assim, ao conjugar tal experiência com o envelhecimento, descortina-se um campo de debate ainda novo, com problematizações até agora pouco exploradas na literatura sobre o tema no Brasil.

O maior desafio deste livro será ponderar novos estudos que possibilitem modelos de assistência de saúde e promoção da qualidade de vida considerando as especificidades identitárias gays, sem que se vislumbre compartimentalizações, especificidades ou guetos estanques para esses sujeitos. Enfim, há que se perceber o velho no âmbito de suas necessidades sociosexuais, sim, e porque não? Pois, como poderá o leitor perceber, para os sujeitos analisados em questão, a sexualidade não acaba na velhice, ela se transforma.